



As pandemias de ontem e hoje: os discursos no *podcast Mamilos*

Roseane Arcanjo PINHEIRO¹
Gessiela Nascimento da SILVA²

Resumo:

O *podcast Mamilos*, produzido por Juliana Wallauer e Cris Bartis, propõe-se a debater temas polêmicos e importantes para a sociedade, sendo um dos *podcasts* mais prestigiados na atualidade por estar entre os três mais ouvidos do Brasil. A inquietação deste artigo envolve o seguinte questionamento: quais as principais formações discursivas do *podcast Mamilos* sobre o surto epidemiológico de 2009 (H1N1) e da pandemia de 2020 (coronavírus)? Para análise, foi adotado o conceito de contrato da comunicação de Patrick Charaudeau (2010), sobre ciberjornalismo e saúde, utilizando as contribuições de Schwingel (2008) e Canavilhas (2017). Uma das conclusões contempla que o jornalismo é destacado como importante lugar de fala em função de reunir polêmicas, argumentos e opiniões diversas sobre o mundo imediato.

Palavras-chave: mídia; pandemias; jornalismo; conteúdos sonoros; *podcast Mamilos*.

The pandemic yesterday and today: the speeches at *podcast Mamilos*

Abstract:

The *podcast Mamilos*, produced by Juliana Wallauer and Cris Bartis, proposes to debate controversial and important issues for society. It is one of the most prestigious podcasts nowadays because it is among the three most listened to in the country. The concern of this article involves the following question: what are the main discursive formations of the *Mamilos podcast* about the 2009 epidemiological outbreak (H1N1) and the 2020 pandemic (coronavirus)? For analysis, we adopted the concept of communication contract of Patrick Charaudeau (2010) and for the reflections on cyberjournalism and health we have the contributions of Schwingel (2008) and Canavilhas (2017). One of the conclusions is that journalism is highlighted as an important place of speech because it brings together polemics, arguments and diverse opinions about the immediate world.

Keywords: media; pandemics; journalism; sound contents; *podcast Mamilos*.

Las pandemias de ayer y hoy: los discursos en el *podcast Mamilos*

Resumen:

El *podcast Mamilos*, producido por Juliana Wallauer y Cris Bartis, tiene como objetivo discutir temas polémicos e importantes para la sociedad, siendo uno de los *podcasts* más prestigiosos hoy en día por estar entre los tres más

¹ Professora doutora do Curso de Jornalismo e do Mestrado em Comunicação da Universidade Federal do Maranhão, *campus* Imperatriz. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Jornalismo, Mídia e Memória (JOIMP).
E-mail: roseane.ap@ufma.br.

² Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade Federal do Maranhão, *campus* Imperatriz - PPGCOM UFMA. Bolsista na Fundação de Amparo à Pesquisa e Desenvolvimento Científico do Maranhão (FAPEMA). Integrante do Grupo de Pesquisa Jornalismo, Mídia e Memória (JOIMP).
E-mail: gessielansilva@outlook.com.





escuchados en Brasil. La inquietud de este artículo implica la siguiente pregunta: ¿cuáles son las principales formaciones discursivas del *podcast Mamilos* sobre el brote epidemiológico de 2009 (H1N1) y la pandemia de 2020 (coronavirus)? Para el análisis, se adoptó el concepto de contrato de comunicación de Patrick Charaudeau (2010), y para ciberperiodismo y salud, se utilizó las contribuciones de Schwingel (2008) y Canavilhas (2017). Una de las conclusiones es que el periodismo se destaca como un lugar importante de expresión debido a la recopilación de controversias, argumentos y opiniones diversas sobre el mundo inmediato.

Palabras clave: médios; pandemias; periodismo; contenidos sonoros; *podcast Mamilos*.

Introdução

Algumas pandemias já assolaram o mundo. Dentre elas, temos a peste bubônica, na Europa (século XIV); a varíola, que foi erradicada em 1980 após vacinação em massa; a cólera, em 1817, sendo a primeira pandemia global; a gripe espanhola, em 1917; a gripe suína (H1N1), em 2009, no México, até chegarmos na Sars-CoV-2, ou Covid-19, que iniciou em dezembro de 2019, na cidade de Wuhan, na China, e estende-se pelos anos de 2020 e 2021. Estas duas recentes ocorrências epidemiológicas – gripe suína e coronavírus - ocorrem em um cenário de intensificação da comunicação mediada, das convergências e da interatividade nos ambientes virtuais. Na visão de Fernandes (2017), este conglomerado de suportes e mutações digitais sucede especialmente desde a última década, em que a internet tem possibilitado uma ressignificação das formas de pensar, produzir e consumir conteúdos, especialmente, no campo do jornalismo, que impacta o debate público. Esta, por sua vez, tendo a concepção de Bourdieu (2012), compreende o meio como um espaço de disputas e de lutas, dotado de um poder simbólico, capaz de instituir uma ordenação sob a realidade social. O universo jornalístico, por conseguinte, localizado no âmbito da cultura, é atravessado pelas representações sobre quem age, quem teria poder, quem estaria desprovido da competência para atuar sobre o mundo. A notícia, então, é referência para construção da realidade, para tecer as relações sociais e ação de homens e mulheres.

As narrativas jornalísticas – neste caso, sobre pautas relacionadas à saúde - que ressurgem em tempos de convergência tecnológica, ganham uma rede de colaboradores e ouvintes, na qual, a partir dos múltiplos olhares, configura-se uma tendência de valorizar certas memórias nos ambientes virtuais. Com isso, tem-se os formatos comunicacionais em áudio, inseridos no ambiente da convergência e que podem ser acessados de acordo com as demandas dos internautas, identificados como *podcasts*, conforme pontuam Couto e Martino (2018) . Segundo Nóbrega, Victor, Cunha e Menezes (2016), são programas de áudios disponíveis para



downloads nos *sites*/plataformas onde são hospedados ou por *streaming* - um jeito interessante de consumir conteúdos na internet, sem a necessidade de baixá-los. Bufarah Júnior (2020, p.37-38) conceitua o *podcast* como uma “disseminação de arquivos digitais de áudio através da web com periodicidade e utilizando tecnologias de indexação RSS (*Rich Site Summary*)”, que funciona como “robôs cuja função é buscar as atualizações dos arquivos subscritos (assinados) pelo usuário, promovendo a identificação e o *download* dos conteúdos automaticamente”. A ferramenta citada surgiu da necessidade dos usuários, que desejavam acompanhar as diversas notícias e fontes sem acessar os sites de origem da respectiva informação.

A partir desse ambiente de convergência e em contexto de pandemia, como a H1N1 e a Covid-19, foi analisado um dos *podcasts* mais ouvidos do país, o *Mamilos*, que elaborou um discurso sobre as doenças, seus agentes, formas de prevenção, isolamento social e as questões políticas no cenário nacional e internacional, que envolveram diretrizes em saúde pública para o controle da enfermidade. A escolha do programa em questão deu-se por dois pontos da PodPesquisa 2019-2020, que pode ser localizada no endereço <https://abpod.org/podpesquisa-2019/>, e que foi realizada por um questionário digital com 16.713 pessoas, entre 21 de outubro e 15 de dezembro de 2019, e com os resultados apresentados em 14 de março de 2020. As seguintes questões foram observadas: a) identificação dos cinco primeiros programas na classificação geral; b) qual deles é produzido apenas por mulheres. O *Mamilos - Jornalismo de peito aberto* ficou em terceiro lugar na listagem final entre os mais citados e ouvidos e, portanto, trata-se de um conteúdo sonoro de audiência significativa e com abordagens variadas e de interesse da sociedade.

Tendo em mente o objetivo de pesquisa, partimos do seguinte questionamento: quais as principais formações discursivas do *podcast Mamilos* sobre o surto de 2009 e a epidemia de 2020? Tal indagação é essencial para a compreensão das temáticas e representações emitidas nos episódios. A coleta de dados foi realizada no Brainstorm9,³ *site* no qual o *Mamilos* está vinculado. O estudo foi baseado na metodologia da análise do discurso.

³ B9 - Seu posto avançado no futuro. Disponível em: <https://www.b9.com.br/ultimas-noticias?pagina=1&sub=1>. Acesso em: 3 ago. 2020.



Ciberjornalismo, *podcast* e saúde

O fazer jornalístico na internet, para Schwingel (2008, p. 67), ocorre em função de seu processo produtivo, com a definição de uma linguagem própria e com processos bem estruturados que possibilitem a aplicação industrial da prática”. Tal perspectiva remete ao conceito de ciberjornalismo, que, para Mielniczuk (2003), é tudo aquilo que engloba as tecnologias que usam o ciberespaço. Canavilhas (2017) explica que desde o surgimento da World Wide Web, o jornalismo produzido para esse meio passa por mudanças que envolvem a produção de conteúdo e novas exigências para o perfil dos profissionais que irão trabalhar na área, sendo eles híbridos e mais especializados. O material produzido nesse espaço permite o rastreamento de informações por gerar uma base de dados para verificar temas, dispositivos de consumo, títulos, entre outros (REINO, 2017).

Schwingel (2008, p. 94) ainda cita que “ciberjornalismo é a modalidade jornalística no ciberespaço fundamentada pela utilização de sistemas automatizados que possibilitam a composição de narrativas hipertextuais, multimídias e interativas”; além de contar com a recapitulação, tem-se ainda a flexibilização do espaço e tempo ao seu favor. Durante esse processo de produção e atualização constante, ocorre o que é chamado de “armazenamento e recuperação” dos conteúdos, dando ao usuário liberdade narrativa dentro dos seus limites, para, assim, serem incorporados em todas as etapas. Isto também nos faz lembrar da independência provocada pelo *podcast*, em que o usuário pode consumir a informação quando, onde e quantas vezes desejar.

O ciberjornalismo se espalha na atualidade também através dos *podcasts*, sendo estes conteúdos sonoros que podem ser ouvidos ou acessados de acordo com as demandas da audiência, um percurso diferente do material sonoro gerado pelas rádios em ondas. O *podcast*, além de ser veiculado pelo *podcasting* - seu formato multimídia - pode ser reproduzido ilimitadamente, o *download* é liberado e as notificações sobre cada episódio surgem no *feed* do canal.

Como o material jornalístico a ser analisado é advindo de um *podcast* jornalístico, podemos apontar inicialmente a definição de *podcast*. Na abordagem etimológica, o termo é reflexo da junção de duas palavras, *iPod* e *broadcasting* (*pod+casting*). Segundo a conceituação de Vicente (2018, p. 88), o *podcast* é uma prática de “distribuição de conteúdos digitais[...]





associada às produções sonoras e que tem experimentado um significativo crescimento nos últimos anos – tanto em termos de diversidade de programação quanto de número de ouvintes”. Resumindo, o *podcast* é um conteúdo, normalmente em áudio, produzido e indexado sobre os mais diversos temas e disponibilizado na rede mundial de computadores” (BUFARAH JUNIOR, 2020, p. 38).

Mediante esta breve conceituação do *podcast*, cabem agora os seguintes questionamentos: é comum o formato ser investigado no campo da Comunicação? Os jornalistas apostaram nesse modelo sonoro - tão dinâmico - para divulgar as notícias da saúde? Como foi construída a relação entre esses dois campos? Relacionar *podcast* e o jornalismo sobre saúde ainda não é um tema tão recorrente nas teses e dissertações na área da Comunicação. As pesquisas encontradas geralmente abordam o potencial, uso e possibilidades do *podcast*, além de estudarem os produtos de forma geral. Sobre o objeto abordado, o *podcast* jornalístico *Mamilos*, destacamos Souza (2019), que analisa o processo comunicacional construído e a proposta do programa de gerar uma interação dialógica e empática com seus ouvintes.

Sobre a relação jornalismo e saúde, nota-se que o meio comunicacional, seja ele impresso, digital ou audiovisual, se institucionalizou enquanto lugar dos porta-vozes confiáveis das ocorrências da vida, através de códigos e narrativas padronizadas (ZELIZER, 1992). Nas coberturas da área de saúde e bem-estar, os profissionais atuam como uma comunidade interpretativa, através do jornalismo científico, que trazem os significados sobre aspectos das doenças, prevenção, agentes, medidas sanitárias e políticas governamentais. Franciscato (2005) esclarece que o jornalismo propicia uma experiência social no tempo presente, ao construir socialmente um enquadramento sobre as ocorrências e movimentos nas sociedades. É a partir desses sentidos gerados, que cidadãos vão ter referências para compreender um processo complexo, como uma pandemia, que pode atingir todos os países do globo, a exemplo do surto mundial da Covid-19.

Como direito social, previsto na Constituição Brasileira, a saúde – durante acontecimentos relevantes como campanhas de vacinação, ações de prevenção, surtos de doenças e pandemias – demanda um espaço significativo nas coberturas jornalísticas. Esse noticiário é alvo de controvérsias. Bueno (1996) assinala que em alguns conteúdos jornalísticos sobre a saúde há questões problemáticas como ênfase nas doenças, dados fragmentados e



poucos questionamentos sobre as políticas públicas. Além destes, como ressalta Gomes (2018, p. 498), a mídia, enquanto dispositivo jornalístico, propaga que o sujeito deve se “responsabilizar pela própria saúde, já que a informação está disponível”.

O jornalismo deve, então, informar, evidenciar grupos de risco, mostrar dados e apontar caminhos para que os indivíduos se responsabilizem pela saúde e evitem o sofrimento. Ainda que a técnica jornalística utilize recursos racionais como os dados, projeções, argumentos científicos e fala dos especialistas para comprovar as afirmações, o dispositivo apela às emoções (GOMES, 2018, p. 498).

Para Silvério (2014), os campos jornalístico e da saúde, além da aparente colaboração entre seus sujeitos, também são demarcados por conflitos e embates que envolvem a construção dos discursos e as formas de interpretar e dar sentidos às ações de médicos, farmacêuticos, enfermeiros, agentes públicos, entre outros sujeitos da cena da saúde, e que transitam no campo jornalístico, por meio de entrevistas, reportagens e outras formas de representações.

O que diz o *Mamilos*?

As perguntas que demarcam o artigo envolvem a produção discursiva do *podcast Mamilos* a respeito do surto de H1N1, e, mais recentemente, da epidemia de Covid-19. O programa é comandado por Cris Bartis e Juliana Wallauer, desde novembro de 2014. A ideia do *podcast* surgiu quando Bartis e Wallauer participaram do Braincast 129, projeto também da produtora B9, abordando o tema Teste de Bechdel (2014), em outubro daquele mesmo ano. A desenvoltura das duas recebeu elogios e surgiu o convite para que criassem um *podcast*, e assim, o fizeram.

O *Mamilos* possui programação semanal, indo ao ar toda sexta-feira. Além das apresentadoras, conta com convidados específicos para abordarem temas de interesse público, das áreas da saúde, economia, educação, política, dentre outros. O *podcast* também tem um planejamento visual atrativo, com cores vibrantes, seções bem divididas e sinalizadas. O lema é um jornalismo de peito aberto, que traz polêmica, empatia, respeito e embasamento. Atualmente, o *Mamilos* está ao lado do *Nerdcast* e *Gugacast* nos três primeiros lugares, quando



se trata de conteúdos de interesse geral, dados referentes à coleta da PodPesquisa, em 2019 - 2020, que contou com um levantamento de 11.481 programas.

Para compreendermos as formações discursivas sobre as doenças H1N1 e Covid-19 no *podcast*, amparamos o trabalho na perspectiva de Charadeau (2010, p. 67) sobre o contrato nas situações de comunicação: “Todo discurso depende, para a construção de seu interesse social, das condições específicas de situação de troca na qual ele surge”. Como explica o autor, todos os envolvidos que estabelecem processos comunicacionais devem levar em conta os dados do processo, as restrições tanto do locutor quanto do seu destinatário, ou seja, suas condições de produção, suas condições de realização dos atos de comunicação. É nesse reconhecimento mútuo que se estabelecem as relações e as trocas sociais, que determinam as construções simbólicas. Portanto, como a finalidade do estudo é o *podcast Mamilos* e suas coberturas sobre as ocorrências epidemiológicas, trataremos dos dados externos e internos nesta parte do artigo, que envolvem a situação discursiva. Essa conjuntura de diálogo consiste nas “regularidades comportamentais dos indivíduos que aí efetuam trocas pelas constantes que caracterizam essas trocas, e que permanecem estáveis por um determinado período” (CHARADEAU, 2010, p. 68).

As condições de enunciação envolvem a *identidade*, a *finalidade*, *propósito* e o *dispositivo*, que são os dados externos, os não *linguageiros*, porque se reportam aos comportamentos constantes e regularidades nas condições de comunicação, aos sujeitos relacionados, quem fala e com quem fala, e às características sociais, culturais e econômicas. No tocante à finalidade, o *podcast Mamilos* se vê como um programa que incentiva um público com uma percepção crítica da realidade, presume que seus ouvintes estejam prontos a repensar as condições nas quais estão inseridos.

O que o *podcast Mamilos* pretende dizer? No concernente à sua finalidade, o programa se propõe a “um jornalismo construtivo, de soluções, não violento, com narrativas restaurativas” (SOBRE, s.d.). Ao delimitar sua própria identidade – sonoro, semanal, produzido por mulheres, com temas que suscitam polêmicas e dissensos – se apresenta como um projeto diferente em relação aos demais materiais sonoros, aborda sua natureza por meio das representações elaboradas pelo jornalismo sobre o mundo imediato, com seus tempos de produção, circulação e consumo das notícias.





Ao buscar que seus públicos sejam incorporados à intencionalidade do programa, as jornalistas atestam que elaboram o material jornalístico semanal para “construir pontes do que em provar pontos” (SOBRE, s.d.). Essa finalidade constitui o conteúdo da mensagem, levando o saber fazer, saber crer e saber sentir aos internautas ao pontuar determinados temas, eleitos como necessários e pertinentes aos seus destinatários.

A partir do domínio do jornalismo, como dimensão do propósito do *podcast*, o programa recorta o mundo em temáticas redimensionadas pelo debate, com convidados especialistas e jornalistas mediadores, responsáveis pelos questionamentos sobre os saberes específicos – sejam médicos, psicólogos, biólogos, entre outros.

No quesito relação com o público, seja nas pautas abordadas pelo programa, lembranças ou nas indicações culturais, Fernandes (2017, p.3) ressalta as particularidades causadas pelo desenvolvimento e modernização dos meios de comunicação atrelados à convergência na internet, que possibilitam não apenas uma adaptação, mas representam “várias oportunidades para inovações na forma de se comunicar e estabelecer laços com o público, devido ao leque de opções que um ambiente transmídia oferece”.

Nos *podcasts*, em especial, o que é objeto deste estudo, pode-se perceber a presença de uma certa memória coletiva quando as apresentadoras colocam em pauta assuntos de uma época remota, porém com relevância para o tempo presente e relacionado a fatos e sujeitos da atualidade. Cunha (2011, p. 113), no artigo “A memória na época da reconexão e esquecimento”, destaca que os suportes transmídias são meios para construção coletiva e permanente da memória, “[...] a retroalimentação permanente pelo abastecimento do novo e do passado que chega associado a formatos novos”. Esse passado, por sua vez, tem importância social e capital, seguindo como testemunha de um tempo acelerado, um tempo que tem pressa. “Vivemos em plena reconfiguração do tempo presente, por intermédio de uma memória que nunca esteve tão viva e em permanente atualização” (CUNHA, 2011, p.114).

Este consumo de conteúdo na internet remete ao conceito de convergência trabalhado por Jenkins (2013). Para o autor, mesmo que se comunique um único assunto, o seu comportamento será diferente em cada plataforma utilizada, uma vez que tais conteúdos são reverberados e geram um novo mercado midiático e, ao mesmo tempo, uma migração do público, que decide quais experiências e assuntos desejam consumir naquele determinado



momento, independentes da sua temporalidade. Todo este agir, consumir, pensar e produzir pode ser elencado no universo transmídia, por se mostrar uma ferramenta essencial na compreensão dos meios contemporâneos, com suas formas de recepção e apropriação (PORTO, 2012).

Caminho metodológico

Para início de toda e qualquer análise, é necessário estabelecer quais procedimentos metodológicos serão seguidos, uma vez que, de acordo com a peculiaridade do estudo, são essenciais para organização do material e apresentação dos dados. Gil (2002) menciona quatro aspectos metodológicos básicos para o desenvolvimento científico, sendo eles: tipos de pesquisa; população e amostra; coletas e análise dos dados.

No atual trabalho realizou-se uma triagem de todos os *podcasts* produzidos pelo *Mamilos* e desse universo foram destacados os conteúdos sonoros relativos às ocorrências de grande impacto na área da saúde. Desde 2014, ano da fundação do programa, encontrou-se um episódio que abordou o tema da saúde com ênfase na pandemia da gripe H1N1) e outro sobre a pandemia de Covid-19. Conforme Charaudeau (2010, p. 94), a linguagem “volta-se para o mundo para recortá-lo de uma maneira mais ou menos racional, através das representações linguageiras e reconstruí-lo em categorias de sentido”. Além disso, o autor explica que há condições intradiscursivas e extradiscursivas para produzir sentidos: as condições de produção do discurso, as identidades dos interlocutores, as intenções e os dispositivos aplicados na relação.

A cobertura do *podcast Mamilos*: H1N1 e Covid-19

Para identificação da memória no *Mamilos*, o levantamento contou com 262 programas, indo de novembro de 2014 até julho de 2020, sendo o último exibido no dia 31/7/20. Durante a coleta, foi possível notar uma diversidade de temas, como assuntos ligados ao feminismo, maternidade, empreendedorismo, eleições, aplicativos de transporte, novelas, adoção, economia brasileira, política, cultura, dentre outros. Buscando identificar assuntos sobre a ocorrência das doenças, elencamos dois episódios para investigação: o surto de H1N1, ocorrido em 2009, para representar o ontem, e a Covid-19, que no Brasil chegou em fevereiro de 2020, para representar o hoje.

Quadro 1 - A pandemia ontem e hoje no *podcast Mamilos*

Episódio	Temática	Ano ocorrência	Ano publicação	Fontes
63	Surto H1N1	2009	Abril de 2016	Atila Iamarino – biólogo, doutor em Virologia
238	Coronavírus	2019	Fevereiro de 2020	Atila Iamarino – biólogo, doutor em Virologia Denize Ornelas – médica, mestre em Saúde da Família

Fonte: As autoras (2020).

O vírus da *influenza*, ou gripe suína, foi descoberto no México, e se espalhou “em questão de meses para mais de uma centena de países, entre eles o Brasil, e provocou a primeira pandemia no século” (BARIFOUSE, 2020). No *podcast* em questão, com duração de 1 hora, 16 minutos e 11 segundos, o convidado para falar do assunto foi o biólogo, pesquisador e pós-doutor em Virologia, Átila Iamarino, para explicar como funciona e o que acontece com os infectados pelo vírus da gripe. Na classificação de Schmitz (2011), Iamarino é uma fonte de categoria primária, pertencente ao grupo especializado, de ação ativa, identificada de forma clara e que se mostrou com qualificação confiável pela coordenação do programa.

Ju: Vamos, bora falar de surto de H1N1, e quem que a gente trouxe para falar sobre isso?

Cris: Ele, que é amado, respeitado, “salve, salve” por essa galera, que por anda passa derrama conhecimento, qual é o nome dele?

Atila: Eu, Atila Iamarino, as pessoas me conhecem na internet pelo canal *Nerdologia*, que eu sempre me apresento falando que eu sou Atila, biólogo e pesquisador, mas junto com isso e antes disso, na verdade, eu cursei biologia e fiz um doutorado em virologia, então, estou mais que acostumado a lidar com o que os vírus aprontam por aí (SURTO H1N1, 2016).

Nesse episódio, Átila Iamarino foi entrevistado por quase 15 minutos, quando respondeu às principais perguntas sobre vírus, com a explicação sobre a sigla H1N1, as causas da doença, os principais sintomas e as formas de prevenção. Sobre a última questão, o convidado detalhou que, além de usar a máscara como proteção, é necessário também a higienização das mãos:

Ju: Mais do que usar aquela mascarazinha?

Atila: Mais do que a mascarazinha. Por que a mascarazinha sai, a mascarazinha não necessariamente filtra as partículas que estão no ar. A gente coça, passa a mão na cara. É muito pior você pôr a mão em alguma coisa que tinha saliva de alguém gripado e coçar o olho do que você respirar o que alguém espirrou. Os dois são perigosos, mas lavar a mão ainda funciona muito melhor do que a mascarazinha. Mesmo porque a mascarazinha, ela serve mais para quem está gripado não espirrar em todo mundo, do que para quem não está gripado se proteger (SURTO H1N1, 2016).

Quanto à pandemia no hoje, tem-se o episódio #238 – Coronavírus, publicado em 14 de fevereiro de 2020, com durabilidade de 1 hora, 58 minutos e 16 segundos. Logo na descrição de apresentação do *podcast* da semana, fala-se o seguinte:

Em 31 de dezembro, autoridades chinesas alertaram a OMS (Organização Mundial da Saúde) sobre uma série de quadros de pneumonia de origem desconhecida na cidade de Wuhan. Com o passar dos dias, as investigações foram apontando para uma nova mutação de um vírus já conhecido pela ciência, o coronavírus. Aí, já viu, né? Em janeiro de 2020, os jornais, as revistas e as redes sociais foram tomadas por um alerta: “um novo vírus foi descoberto na China!”. E quanto mais casos vão sendo descobertos, mais mortes acontecem, mas a gente se preocupa. O que o Brasil faz é o suficiente? Pra entender esse cenário, trouxemos dois veteranos da casa: Atila Iamarino e Denize Ornelas! (CORONAVÍRUS, 2020).

É fato que o cenário refletido por esse *podcast* era inicial e de uma percepção sobre a preparação do Brasil, nas suas variadas vertentes, sobre o vírus no país. Depois, com o primeiro caso confirmado em 26 de fevereiro, essa temática se estendeu até julho, com diversos enfoques – saúde, educação, isolamento social, vacina e outros. No que tange às fontes, Denize Ornelas é médica e mestre em Saúde da Família, e Átila Iamarino, já citado anteriormente, fonte para outras edições do programa (episódio 63). Ambos são de categoria primária, pertencentes ao grupo especializado, de ação ativa, com clara identificação e de qualificação confiável, conforme classificação de Schmitz (2011).

Cris: Começando pelo coronavírus quem quer explicar aqui para gente o quê que efetivamente significa contrair esse vírus?

Ornelas: Clinicamente falando é pegar uma doença em que você tem sintomas respiratórios a princípio muito parecidos inicialmente como uma gripe comum [...] então, para o ouvinte entender, algumas pessoas, uma porcentagem das pessoas que vai contrair a doença não vai ter nada disso, vai ter o sintoma que

a gente chama de subclínico, só ter um pouco mal-estar [...] uma parte das pessoas já vai desenvolver sintomas mais parecidos com infecção respiratória comum, uma parte dessas pessoas ela vai evoluir com maior a gravidade, precisando inclusive de um suporte ventilatório [...].

Ju: É importante a gente falar como é que se transmite esse vírus, porque daí entendendo como é que eles transmitem a gente automaticamente já entende o que que você tem que fazer para prevenir o contágio.

Ornelas: Tudo que a gente sabe é que ele transmite de humano para humano via secreção respiratória. Eu espirrei, tossei, né, gotejei no ambiente, se eu tiver perto o suficiente para conseguir respirar no ar essas gotículas, essas partículas do vírus eu posso estar infectado. Então, super importante, se eu boto a mão no lugar contaminado também posso tá transmitindo para estar levando de um lugar para o outro e aí eu preciso lavar muito as mãos, isso é constante, na verdade, deveria fazer como hábito [...] colocar a face posterior da mão na boca, no nariz, proteger, tentar diminuir os disparos das gotículas pelo ar, uso do álcool gel, muita gente pergunta: é melhor do que lavar as mãos? Não é melhor, mas se você tiver o álcool gel na bolsa, você está no metrô, na rua, está em qualquer lugar, ele facilita bastante a limpeza, mas também não vai substituir a lavagem das mãos [...]. (CORONAVÍRUS, 2020).

Diferente do episódio sobre H1N1, que teve apenas uma média de 15 minutos para falar sobre o vírus, esse em questão foi totalmente direcionado para abordagem da Covid-19. Como já mencionado, trata-se de ponderações iniciais sobre a Sars-CoV-2 no país, levando em consideração as recomendações da Organização Mundial da Saúde, o sistema público de saúde e o que pode ser feito para evitar a propagação do vírus.

A participação dessa dupla, mesmo que no programa inicial sobre o tema, reflete a questão de especialização de cada um no assunto, e a intenção de conscientizar os ouvintes – conhecidos como mamileiros e mamiletas. Quanto aos dados externos – efetivamente discursivos – do *podcast Mamilos*, os mesmos remontam ao “como dizer” e tratam das formas verbais, as maneiras de falar e atuações languageiras. Esse aspecto – que mostra os comportamentos através da linguagem – traz os espaços de *locução*, *de relação* e de *tematização* (CHARAUDEAU, 2010, p.70). O *podcast* se coloca como espaço relevante e primordial do debate, da crítica e do conhecimento, ao levar “especialistas colaboradores” para explicarem diversos temas como saúde, economia, ciências, educação, entre outros.

Nas falas das jornalistas e nas apresentações do programa, destaca-se a “forma colaborativa” de produção da notícia, há uma ênfase nessa *relação*. Dessa maneira, busca-se uma aliança com os ouvintes, há um reforço na imagem de ser um espaço de aprendizagem e de diálogo, no tom coloquial das entrevistas, na informalidade das conversas com os

especialistas e na abordagem das pautas. No caso estudado, a cobertura sobre a H1N1 e o Covid-19, houve um “modo de organização discursiva”, ao fazer o processo de tematização. (CHARAUDEAU, 2010, p. 71). Os cuidados, as explicações sobre a disseminação das doenças, as informações oficiais, o ouvir os especialistas credenciados apontam para um determinado enquadramento sobre os assuntos da área da saúde pública.

Conclusões

Foram encontrados dois episódios no *podcast Mamilos*, no período estudado, sobre as pandemias: um sobre o surto do vírus da gripe suína, a H1N1, em 2009, e outro sobre o coronavírus, que chegou ao Brasil em fevereiro de 2020, para se enquadrar no hoje.

Para analisar as representações discursivas do *Mamilos*, o trabalho foi embasado nas reflexões de Charaudeau (2010). Foram investigados os dados internos e externos nos processos comunicativos, com foco no emissor, o programa em questão, e seus episódios sobre as ocorrências na saúde. Assim, podemos apontar: 1) a iniciativa se estrutura como espaço sonoro, que investe na polêmica e no detalhamento de diversos saberes; 2) incita seus interlocutores como um programa que “investe” em pontes através de um “jornalismo construtivo”, unindo cidadãos e especialistas através das entrevistas; 3) o jornalismo é destacado como importante lugar de fala, com função de reunir os diversos argumentos e opiniões sobre o mundo imediato; e 4) o *podcast* busca construir uma relação de aliança com seus ouvintes, aos abordar representações que julga serem necessárias para a tomada de decisão do público.

Referências

- BARIFOUSE, Rafael. Como o Brasil foi afetado pela pandemia de H1N1, a 1ª. do século 21? **BBC News Brasil**, São Paulo, 25 mar. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52042879>. Acesso em: 12 ago. 2020.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- BUENO, Wilson da Costa. **Comunicação para a saúde**: uma experiência brasileira. São Paulo: Unimed Amparo, 1996.
- BUFARAH JÚNIOR, Álvaro. Podcast e as novas possibilidades de monetização na radiofusão. **Radiofonias — Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana, MG, v. 11, n. 01, p. 33-48, jan./abr. 2020. Disponível em:

<https://periodicos.ufop.br:8082/pp/index.php/radiofonias/article/view/4316>. Acesso em: 08 ago.2020.

CANAVILHAS, João. Novos atores na redação: como muda o jornalismo? *In*: MARTINS, Gerson; REINO, Lucas; BUENO, Thaísa (org.). **Performance em Ciberjornalismo: tecnologia, inovação e eficiência**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2017. p. 23-32.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2010.

CORONAVÍRUS. Entrevistados: Atila Iamarino e Denize Ornelas. Entrevistadoras: Juliana Wallauer e Cris Bartis. [S.l.]: Mamilos, Brainstorm9, 14 fev. 2020. Episódio 238. *Podcast*. Disponível em: <https://www.b9.com.br/shows/mamilos/mamilos-238-coronavirus/>. Acesso em: 12 ago. 2020.

COUTO, Ana Luíza S.; MARTINO, Luís Mauro Sá. Dimensões da pesquisa sobre podcast: trilhas conceituais e metodológicas de teses e dissertações de PPGComs (2006-2017). **Revista Rádio-Leituras**, Mariana-MG, v. 9, n. 02, p. 48-68, jul./dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br:8082/pp/index.php/radio-leituras/article/view/1394>. Acesso em: 12 set. 2020.

CUNHA, Mágda Rodrigues da. A memória na era da reconexão e do esquecimento. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 17, n. 2, p.101-115, 2011. Disponível em: https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/9927/2/A_memoria_na_era_da_reconexao_e_do_esquecimento.pdf. Acesso em: 11 set.2020.

FERNANDES, Laís. Jornalismo de peito aberto: o podcast Mamilos e a empatia na era da convergência. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 30., 2017, Curitiba. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom, 2017. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-0478-1.pdf>. Acesso em: 04 ago. 2020.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A fabricação do presente: como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades modernas**. Aracaju: UFS, 2005.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, Denise Cristina Ayres. É melhor prevenir do que remediar: a doença imaginária no jornalismo. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, [s.l.], v. 22, n. 65, p. 493-503, jul./2017. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/icse/2017.nahead/10.1590/1807-57622016.0948/>. Acesso em: 10 ago.2020.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2013.

LEMOS, André. As estruturas antropológicas do ciberespaço. *In*: **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2008. p. 129-157.

MIELNICZUK, Luciana. **Jornalismo na Web**: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual. 2003. Tese (Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporânea) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.

NÓBREGA, Zulmira; VICTOR, Maria Eunice Cabral de Luna; CUNHA, Manuela Maria Patrício; MENEZES, Ivandro Pinto de. Podcast Mamilos: uma nova forma de fazer jornalismo? *In*: NUNES, Pedro (org.). **Jornalismo em ambientes multiplataforma**. João Pessoa: Editora do CCTA, 2016. p. 296 – 319.

PORTO, Adriana Corrêa Silva. Novas formas de comunicação sonora na cultura da convergência: os podcasts produzidos por fãs na narrativa transmídia. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 35., 2012, Fortaleza. **Anais [...]** São Paulo: Intercom. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2012/resumos/R7-1381-1.pdf>. Acesso em: 8 ago. 2020.

REINO, Lucas; BUENO, Thaísa. Ciberjornalismo em dispositivos móveis: uma análise da conjuntura brasileira. **Questões Transversais-Revista de Epistemologias da Comunicação**, São Leopoldo, v. 5, n. 10, p. 125-132, jul./dez. 2017.

REIS, Ana Isabel. O áudio invisível: uma análise ao podcast dos jornais portugueses. **Revista Lusófona de Estudos Culturais/Lusophone Journal of Cultural Studies**, v. 5, n. 1, p. 209 – 225, 2018.

SCHMITZ, Aldo. **Fontes de notícias**: ações e estratégias das fontes no jornalismo. Florianópolis: Combook, 2011.

SCHWINGEL, Carla. **Sistemas de produção de conteúdos no ciberjornalismo**: a composição e a arquitetura da informação no desenvolvimento de produtos jornalísticos. 2008. Tese (Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporânea) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

SILVÉRIO, Alessandra. Saúde e informação: direitos do povo. *In*: **Portal do Jornalismo Científico**. Disponível em: http://www.jornalismocientifico.com.br/jornalismocientifico/artigos/jornalismo_saude/artigo1.php. Acesso em: 3 set. 2020.

SOBRE. **Mamilos**. [S. d]. Disponível em: <https://www.b9.com.br/shows/mamilos/>. Acesso em: 10 set. 20.

SOUZA, Leonardo Costa. **Os vínculos sonoros no ambiente comunicacional no podcast Mamilos**. 2019. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2019. Disponível em:



<https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2020/02/LEONARDO-COSTA-SOUZA.pdf>. Acesso em: 19 set.2020.

SURTO H1N1. Entrevistado: Átila Iamarino. Entrevistadoras: Juliana Wallauer e Cris Bartis. [S.l.]: Mamilos, Brainstorm9, 01 abr. 2016. Episódio 63. *Podcast*. Disponível em: <https://www.b9.com.br/shows/mamilos/mamilos-63-surto-de-h1n1-tay-e-financiamento-de-campanha/>. Acesso em: 30 mar. 2021:

TESTE de Bechdel e o papel feminino na ficção. Entrevistadores: Carlos Merigo e Saulo Mileti. Entrevistadas: Juliana Wallauer e Cris Bartis. [S.l.]: Brainstorm9, 7 out. 2014. Episódio 129. *Podcast*. Disponível em: <https://www.b9.com.br/shows/braincast/braincast-129-teste-de-bechdel-e-o-papel-feminino-na-ficcao/>. Acesso em: 5 ago. 2020.

VICENTE, Eduardo. Do rádio ao podcast: as novas práticas de produção e consumo de áudio. *In: Emergências periféricas em práticas midiáticas* [S.l.: s.n.], 2018. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/002906541>. Acesso em: 29 dez. 2020.

ZELIZER, Barbie. **Covering the body**: the Kennedy assassination, the media, and the shaping of collective memory. Chicago: University of Chicago Press, 1992.

Submetido em: 30.09.2020.

Aprovado em: 04.01.2021.

